

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

# DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

  
ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

# Dicionário das Crises e das Alternativas



## **DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS**

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, nºs 76, 78 e 79  
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901  
www.almедina.net · editora@almедina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra  
producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

da mortalidade infantil, acesso a saneamento básico, recolha de lixo, diminuição da taxa de analfabetismo, existem ainda claras diferenças regionais, em particular no que diz respeito ao nível de rendimentos.

Calcula-se que em 2011 existissem 16,2 milhões de brasileiros (8,6% do total) vivendo na miséria extrema ou com um ganho mensal de até 70 reais, na sua maioria jovens, sendo as regiões Nordeste e Norte as mais afetadas, contrastando com o Sul do país. No entanto, este número é já inferior ao de 2003, calculando-se que ao longo da última década mais de 24,5 milhões de brasileiros tenham saído da pobreza.

A classe média passou a ser predominante no país, em resultado do investimento na educação e da estabilidade económica do país. Simultaneamente, entre as classes mais baixas, os programas governamentais de transferência de rendimentos (prestações dependentes dos recursos dos beneficiários) têm sido instrumentos centrais para a mobilidade social. Programas como o Fome Zero ou Bolsa Família são claros exemplos deste tipo de programas.

*Tatiana Moura*

## **BRIC**

Sigla criada em 2001 por Jim O'Neil, economista da Goldman Sachs, em alusão à emergência do Brasil, Rússia, Índia e China como potências do sistema internacional. O crescimento económico destes países na última década (média de 6,6% ao ano) tem ajudado à sedimentação desta sigla no jargão político internacional. A este elevado crescimento económico, quatro vezes mais rápido do que o crescimento da economia norte-americana no mesmo período, junta-se um peso político-diplomático crescente, o que, por exemplo, obrigou à substituição do G8 pelo G20 como fórum preferencial de discussão sobre a economia global.

Dito isto, é preciso compreender que a sigla BRIC esconde duas realidades particularmente relevantes para o mundo contemporâneo. Em primeiro lugar, esconde todo um conjunto de outras potências emergentes que têm tido crescimentos significativos nos últimos anos e cuja importância poderá, a breve trecho, ser equivalente a alguns dos atuais BRIC, como são os casos da Turquia, da Indonésia e da África do Sul. Em segundo lugar, coloca num mesmo contexto países muito diferentes e com pesos muito diferenciados internacionalmente, desde logo porque nenhum dos restantes três países se compara à dimensão e importância da China. No mesmo sentido, também

a Índia, potência nuclear com mais de mil milhões de habitantes, não pode ser comparada ao Brasil e à Rússia. Por fim, Moscovo não pode propriamente ser entendida como a capital de uma potência “emergente”, pois, em termos militares, nunca deixou de ser uma potência e o seu crescimento tem sido baseado, não no desenvolvimento industrial, como no caso dos restantes BRIC, mas, sim, nos elevados preços de mercado dos seus recursos energéticos.

Assim, a sigla BRIC acaba por ser, sobretudo, um símbolo do reequilíbrio de poderes no sistema internacional, cada vez menos centrado no Ocidente e cada vez mais multipolar, um processo que tanto a crise financeira de 2008 como a atual crise europeia vieram, de certo modo, ajudar a acelerar.

*André Barrinha*

## Caos e Ordem

Do étimo grego *khaos*,  $\chi\alpha\omicron\varsigma$ , o caos remete primeiro para o vazio primordial, informe, ilimitado, intemporal e indefinido, estado de *não-ser* que precede e propicia a emergência de cosmos (*Κοσμος*), ordem do mundo, real ou aparente (também étimo de cosmética). Só depois denota confusão indiferenciada de elementos que a intervenção de demiurgos faz estabelecer em ordens universais, imaginadas em míticas narrativas e personificadas em heróis e monstros. Pensar e dizer o caos assim não é pensar e dizer a crise no lamento de oportunidades perdidas, antes dizê-la na liberdade da imaginação das alternativas. Caos e ordem são dinâmicas vitais da (bio)diversidade. A desordem espontânea é tendência fundamental da vida; ela despoleta o movimento, o trabalho dos princípios de configuração dos organismos, em equilíbrio dinâmico. Ações e atores que criam organização e certeza – seja ela espontânea (auto-organizada) ou demiúrgica – sempre geram desordem e incerteza; ao esforço da ordem corresponde a energia não convertida em trabalho útil, a *entropia*. Da dominação-domesticação da desordem emergem modelos vitais de sobrevivência; do reconhecimento da entropia emergem as matérias de transformação, realocizada em tempos e lugares.

Diz a teoria do caos que, dada uma lei cujos princípios são altamente sensíveis às suas condições iniciais, alterações mínimas de uma trajetória no início de um sistema podem causar uma cadeia de acontecimentos no tempo que levam a transformações a grande escala, o *efeito borboleta* – onde o bater de asas de uma borboleta causa um tufão em outro lugar do planeta. O *complexo*